

ANÁLISE NARRATIVA DA PESQUISA EDUCACIONAL NO BRASIL: O QUANTITATIVO, O QUALITATIVO E MÉTODOS MISTOS.

Jeferson Antunes

(Universidade Federal do Ceará, jeferson.kalderash@gmail.com)

RESUMO: Este estudo percorre a história da pesquisa educacional brasileira, influenciada pela política e a epistemologia, buscando perceber os paradigmas científicos em cada época, dialogando sobre as instituições, seus papéis e as escolhas metodológicas subjacentes. Nosso objetivo é estabelecer uma análise histórica sobre o percurso da pesquisa em educação focado nas naturezas metodológicas. Pretendemos também apresentar uma reflexão crítica sobre as possibilidades de contribuição dos métodos mistos em pesquisa educacional, onde percorremos uma diversidade de estudos e abordagens científicas entre a pesquisa em educação e o campo epistemológico. Utilizamos da análise narrativa como método para constituímos um viés histórico sobre a formulação e utilização das diversas naturezas e métodos de pesquisa, dialogando com estruturas científicas paradigmáticas que influenciam a história da ciência educação. Entendemos que tal jornada deságua nos métodos mistos, como campo possível e instigante na pesquisa educacional, contribuindo ao pensar a colaboração interdisciplinar entre pesquisadores e grupos de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa educacional, métodos mistos, epistemologia.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em educação percorre um caminho ligado a história do Brasil, influenciado pela epistemologia das ciências humanas e pela política, com a intenção de refletirmos sobre seus propósitos, o campo de estudos, perpassando a academia e a prática social, através das contribuições de diversos autores.

Iniciamos nossa abordagem histórica da pesquisa em educação nos anos 30 até a década de 50, com a criação do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE) abordando temas ligados a psicopedagogia, após esse período, a educação é dotada do diálogo com a sociologia, no entanto, com o golpe militar de 1964 o utilitarismo percorre a pesquisa em educação. Com a Reforma Universitária de 1968 e a ampliação dos programas de pós-graduação, nos anos 80 e 90, as pesquisas focadas na experimentação de situações reais, onde o pesquisador é parte do processo, tomam forma em contrapartida ao cenário anterior.

Tal percalço nos leva a eminência do pensamento metodológico, como fundamento objetivo da pesquisa em educação, ao perceber os métodos de pesquisa em múltiplas e imbricadas naturezas em que cada campo, com suas críticas, se enxerga como desvencilhado, apartado e inimigo do outro. O senso comum rodeia a academia.

Seria possível uma conciliação entre estas formas de pesquisa? Quais as tendências contemporâneas advindas da história da educação como categoria científica? Quais as possibilidades e limites desta tal reconciliação? Estes questionamentos afloram um debate construtivo para o campo ao qual pretendemos contribuir refletindo sobre as possibilidades de tais respostas.

Como propósito principal, pretendemos estabelecer uma análise histórica sobre o percurso da pesquisa em educação focado nas naturezas metodológicas. Indo além, pretendemos apresentar uma reflexão crítica sobre as possibilidades de contribuição dos métodos mistos em pesquisa educacional, onde pretendemos também percorrer uma diversidade de estudos e abordagens científicas de necessária discussão entre a pesquisa em educação e o campo epistemológico.

Utilizamos do suporte bibliográfico, através da análise narrativa, constituímos um viés histórico da formulação e utilização das diversas naturezas e métodos de pesquisa, dialogando com estruturas científicas paradigmáticas que influenciam a história da ciência educação.

Tal abordagem se torna necessária por repensar os limites e possibilidades dos métodos de pesquisa em educação, onde podemos refletir, a partir da historicidade das relações aqui estabelecidas, qual e para quem é ciência que desejamos conceber?

Percebemos os métodos mistos como campo possível e instigante na pesquisa em educação, passível de contribuição a partir da colaboração interdisciplinar entre pesquisadores e grupos de pesquisa, que necessita de espaço e difusão no meio científico.

METODOLOGIA

O presente estudo é desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica (GIL, 2012, p. 50), dialogando acerca das naturezas de pesquisa em educação e do paradigma contemporâneo acerca do uso de métodos mistos. Procedemos à uma revisão narrativa, através de artigos em revistas eletrônicas, impressos e livros, onde o leitor pode, em um curto espaço de tempo, adquirir e atualizar seus conhecimentos sobre a temática proposta (ROTER, 2007).

Nossa finalidade é a de esclarecer e descrever conceitos e ideias, contribuindo para o campo da pesquisa em educação, ao apresentar uma síntese metodológica através da pesquisa descritiva (GIL, 2012).

PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL

As questões acerca dos limites e possibilidades dos métodos, técnicas, abordagens e naturezas da pesquisa em educação compreendem um conjunto de mudanças no campo

epistemológico, político e da difusão da ciência e tecnologia no Brasil, reforçado pela ampliação do ensino superior no nível de graduação e pós-graduação. A condição histórica da pesquisa em educação dialoga com a história da Universidade e da Democracia em nosso país.

Com a criação do IPE, no final dos anos 30, temos a primeira sistematização de estudos no campo da educação, estes, até a década de 50 se situavam em temas ligados a psicopedagogia; pós 56 os centros de pesquisa vinculados ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apresentam uma abordagem sociológica da educação que acaba por ser interrompida com o golpe militar de 64, a abordagem passa a ser economicista, visando auferir custos e gastos do sistema educacional (GATTI, 2001).

No contexto de 64 “a pesquisa educacional foi se integrando às novas perspectivas, como uma forma de crítica social, criando espaços mais abertos e democráticos, com fundamentação marxista” (SANTOS; GRAEFF; KERN; DENTZ, 2016, p. 50). Em especial, as obras de Paulo Freire, no campo da educação e interações sociais, e a atuação militante de professores e pesquisadores ligados ao Partido Comunista contribuem para este enfoque da pesquisa educacional.

No contexto da Reforma Universitária de 1968, a ampliação dos programas de pós-graduação em educação contribui para a produção de estudos e pesquisas, sendo a maior parte destes ligados aos programas de mestrado e doutorado; no final da década de 70 surge a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), que fortalece a pesquisa em educação através de seus grupos de trabalho (GATTI, 2001; CAMPOS; FAVERO, 1994).

As pesquisas em educação se ampliam e intensificam na década de 80, com a propagação de metodologias como a pesquisa-ação¹ e também a teoria do conflito², são impulsionadas pelo descrédito nas soluções técnicas para resolver os problemas educacionais brasileiros, abrem campo para a abordagem crítica e participativa (ANDRÉ, 2007).

Os “estudos que nas décadas de 60-70 se centravam na análise das variáveis de contexto e no seu impacto sobre o produto, nos anos 80 vão sendo substituídos pelos que investigam sobretudo o processo” (ANDRÉ, 2007, p. 121). Se nas décadas de 60-70 o interesse estava na experimentação, no olhar do pesquisador-observador do experimento, nos anos 80-90 recebem

¹ Metodologia de pesquisa social que é realizada em associação com uma ação coletiva no qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo (THIOLLENT, 1996).

² O conflito social representa a disputa entre grupos com posições distintas sobre um determinado tema/contexto, tendo como pano de fundo o modelo de desenvolvimento social de um grupo coletivo específico (SANTOS, 2014).

espaço as pesquisas focadas na experimentação de situações reais, tendo no pesquisador o papel de participante para além do simples espectador.

A racionalidade limitada a um mundo ordenado divide espaço com a complexidade das relações sociais, aproximando o pesquisador de seu objeto/sujeito de pesquisa. A escola, a comunidade e a sociedade são investigados também no microcosmos interacional.

As duas formas do ofício se encontram e confrontam, dialogam e antagonizam; entre o micro e o macro, o local e o global, cada uma com o objetivo basilar de dialogar com os contextos educativos no Brasil. Os antagonismos se tornam claros, diversos grupos científicos, acadêmicos e não acadêmicos, tomam o campo de produção científica em educação com opções epistemológicas, abordagens e posicionamentos políticos diferentes (CAMPOS, 2006).

O que acontece no campo da educação é a falta de dados que nos ajudem a melhor responder aos problemas ao qual, como pesquisadores, nos propomos a investigar (GATTI, 2012). A coleta e a análise de dados quantitativos respondem a demandas específicas de instituições governamentais e transnacionais, que financiam as pesquisas de grande amplitude, com um perfil mais pragmático, colhidos em sistemas centralizados de avaliação ou em universos estatísticos mais amplos, para oferecer resultados a curto prazo para a criação e implementação de modelos educacionais (CAMPOS, 2006).

No entanto, a realidade dos problemas educacionais é mais diversa que os dados sistematizados pela necessidade de homogeneização podem afirmar, e mais ampla que as análises do microcosmos sociais conseguem perceber. Em alguns momentos são necessários dados mais amplos, como para a discussão do analfabetismo populacional como um problema políticos, ou mesmo um aprofundamento de natureza social, como no caso da dinâmica sócio-pedagógica em uma escola (GATTI, 2012).

Dessa dicotomia acadêmica sugere um aparente estado irreconciliável das ciências da educação, posto como grupos antagônicos sobre a influência da academia, das instituições e das escolhas políticas. Possibilitar o diálogo entre os caminhos da episteme é uma tarefa considerável aos pesquisadores da atualidade.

As abordagens do campo qualitativo e quantitativo podem ser complementares, uma vez que o papel da ciência não é auferir ou qualificar, mas, antes, pensar a realidade através de enlaces paradigmáticos historicamente construídos, desconstruídos e reconstruídos (KUHN, 2013).

Estes diálogos dicotômicos da ciência se apresentam como tentativas de afiliar-se a um paradigma posto que, supostamente, concede ao pesquisador a credibilidade e acreditação necessária para galgar caminho entre os pares, essa propensa dicotomia não se sustenta para julgar o valor científico de um estudo, ela apenas significa uma escolha, muitas vezes imposta pela academia, sendo um

aspecto a considerar é que as mensurações quantitativas, tanto quanto as tematizações ou categorizações qualitativas (com base em observações cursivas, entrevistas, questionários abertos, depoimentos etc.) são aproximações do fenômeno a ser estudado e o problema levantado, não são o próprio fenômeno (GATTI, 2012, p. 30).

Os critérios dentro do paradigma escolhido pelo pesquisador não são a realidade, não se bastam por si só, eles se apresentam como lentes para enxergarmos o fenômeno social, que em sua complexidade pode ser analisado sobre diversos ângulos complementares.

Um conceito interessante a essa discussão é proposto por Thomas Samuel Kuhn (2013), no campo da filosofia da ciência, posto pela incomensurabilidade, onde o autor defende que não é possível explicar um paradigma concorrente a partir do outro, de forma comparativa direta, na intenção de julgar o valor científico de um ou outro, mas que, como caminho, tal ponto seria, a meu ver, a necessidade de recorrer a tradução destes opositores para um diálogo mesmo que para estabelecer uma comunicação parcial.

A pesquisa em educação, não sendo fim em si mesma, aporta-se como um conjunto de reflexões nascidas da experiência, das análises teóricas e da experimentação em que buscamos concatenar ideias e a realidade que pretendemos interpretar. Compreendemos este conjunto de ideias, por mais dispares que se apresentem, como não completamente distintas, mas diferenciadas em sua natureza, “todas as formas de obtenção de informações e de dados são criadas, inventadas, consensuadas e não podem ser tomadas como a própria natureza das coisas, muito menos a totalidade da realidade” (GATTI, 2012, p. 30).

Desta forma, historicamente postas, as amarras paradigmáticas dos princípios firmes, irrefutáveis e obrigatórios podem/devem ser repensadas. É necessário violar esse dogmatismo para que a ciência possa vir a contribuir qualitativa e quantitativamente frente aos problemas complexos que desejamos explorar, os

acontecimentos e desenvolvimentos tais como a invenção do atomismo na Antiguidade, a revolução copernicana, o surgimento do moderno atomismo (teoria cinética; teoria da dispersão; estereoquímica; teoria quântica), o aparecimento gradual da teoria ondulatória da luz só ocorreram porque alguns pensadores decidiram não se deixar limitar por certas regras metodológicas ‘óbvias’ ou porque involuntariamente as violaram. (FEYERABEND, 1977, p.29)

Tomemos então novos olhares a partir do conceito kuhniano de paradigma, na formação estrutural das “revoluções científicas e a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida” (KUHN, 2013, p. 74) necessária para a inovação no campo da pesquisa em educação frente as necessidades do real. Tais necessidades constituem possibilidade no campo científico renovado, a partir de uma visão dialógica entre as diversas formas do ofício onde refletimos a partir de novas formulação teórico-práticas que possibilitem renovadas formas de agir e compreender, analisar e interpretar, permanecer e mudar.

Faz-se necessário, portanto, que a diversidade de métodos, ferramentas, formas de coleta de dados e de análises destes dados sejam colocados a partir e sobre o contexto que desejamos elucidar. “Estamos refletindo com os dados e análises básicas, porém, também transcendendo esses dados e análises iniciais com fundamento argumentativo sólido” (GATTI, 2012, p. 31), essa renovação não quer dizer abandonar os paradigmas em prol de uma propensa liberdade metodológica, mas utilizar destas formas paradigmáticas contextualizando o problema que, quando bem fundamentadas, possibilitam ao pesquisador do campo da educação uma formulação dinâmica para explicar da melhor forma possível o fenômeno estudado.

Uma formação criteriosa do pesquisador frente ao trabalho de pesquisa nas ciências humanas é pré-requisito indispensável, posto que o conhecimento em múltiplas abordagens, métodos, ferramentas de pesquisa e fontes confiáveis de dados nos auxiliam a entender, de forma esclarecida e crítica, os processos de investigação e seus instrumentos para aproximação do real, além das lógicas envolvidas (GATTI, 2012).

No campo contemporâneo da pesquisa em educação observamos nos últimos anos “o uso combinado de formas de abordagem, sob a égide de uma perspectiva que conduziu à enunciação do problema e que baliza os caminhos das análises e interpretações oferecidas” (GATTI, 2012, p.31).

A estatística descritiva aliada as entrevistas em profundidade, a análise clínica entrelaçada aos estudos experimentais, os estudos quase-experimentais combinados a entrevistas abertas, dados e indicadores demográficos aliados a etnografia, o próprio estudo etnográfico utilizando de questionário como ferramenta de coleta de dados para uso e construção de escala de valores; tais abordagens cominadas envolvem análises quantitativas e qualitativas integradas e contrastadas segundo eixos analíticos, que permitem interpretações de diversas naturezas (GATTI, 2012, p. 31).

Velhos problemas herdados de estruturas de poder colonial ainda se fazem presentes na sociedade brasileira, outros tantos novos surgem, tantos outros se entrelaçam e se modificam ou geram mais problemas, existe uma dinâmica social intermitente em educação e nós pesquisadores estamos cada vez mais ansiosos em compreender estes processos. “O conhecimento em movimento é um modo de criação contínua; o antigo explica o novo e o assimila; e, vice-versa, o novo reforça o antigo e o reorganiza” (BACHELARD, 2004, p. 19) de tal forma que sínteses, antítese e a nova síntese são partes conectadas desta abordagem, reconhecidas como estruturas metodológicas dinâmicas para a produção de um conhecimento aproximado de uma realidade verosímil e discutível.

Nossa reflexão, até este ponto, é a de que muitas destas situações fogem ao modelo usual por, por exemplo, limitações teórico-metodológicas, sendo necessário que diversifiquemos os enfoques, não tendo o objetivo de criar consensos ou respostas universais, mas o de oportunizar diálogos parciais, porém, responsáveis, entre os diversos paradigmas, diálogos estes que nos auxiliem em nossa jornada para compreendermos a realidade possível a ser pesquisada.

REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A partir das mudanças históricas do campo da pesquisa em educação observamos que a pesquisa qualitativa, de forma crítica e participativa, ganha espaço no campo de estudos sendo “de particular relevância ao estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p. 20), onde as interações sociais se mostram mais complexas e dinâmicas, em seu microcosmo, quando comparadas as abordagens apresentadas pelas pesquisas de natureza quantitativas.

Existe uma grande incidência de estudos qualitativos em educação, o que é coerente, visto seu desenvolvimento histórico, contudo, o uso de métodos quantitativos para estudos em larga escala nos possibilita uma visão panorâmica do objeto e/ou dos sujeitos do estudo, o que se apresenta como um outro tipo de contribuição para investigar o macrocosmo social em vistas a compreender questões mais gerais e abrangentes (PEREIRA; ORTIGÃO, 2016, p. 68-70).

Ambas as naturezas de pesquisa, na perspectiva contemporânea da pesquisa em educação, devem dialogar, o que exige do pesquisador uma maior preparação e a abertura interdisciplinar para outros campos de pesquisa (GATTI, 2001), tendo em vistas que tanto o quantitativo como o qualitativo, e suas imbricações, são possibilidades de qualquer pesquisa (MINAYO, 2013) ressaltando a existência de limites e possibilidades de ambas as naturezas.

Tanto as práticas em educação como na pesquisa em educação, como do campo da pesquisa e da ciência, requerem o reconhecimento que essa interdisciplinaridade é uma “ação do conhecimento que consiste em confrontar saberes, cuja finalidade é alcançar outro saber, mais complexo e integral, diferente daquele que seria efetuado, caso não exista o encontro entre diferentes disciplinas” (FLORIANI, 2000, p. 11), articulando de forma criativa, colaborativa e responsável saberes que buscam a resolução de situações problema que eram impossíveis no saber compartimentalizado.

A interdisciplinaridade não existe de antemão. Não nasce por decreto. É constitutiva e constituinte do processo interdisciplinar, produto de uma associação disciplinar. A ação interdisciplinar ocorre em regiões de fronteira de representação da realidade e se amplia pela ação combinada das disciplinas presentes no programa (FLORIANI, 2000, p. 11)

A interdisciplinaridade é resultante de um processo claro de escolhas, uma atitude política e científica ante a compartimentalização de saberes, do reconhecimento aos saberes dos outros campos, ela ocorre na região de fronteira entre as diversas formas de encarar a realidade

Pensar a realidade dinâmica nas interações entre micro e macro, possibilita ao pesquisador a escolha de uma maior diversidade de métodos e técnicas que o auxiliem na busca por compreender os problemas de pesquisa abordados. Uma atitude interdisciplinar contribui neste nível de pesquisa, se a multiplicidade de dados corrobora para uma aproximação mais factível da realidade, a abordagem interdisciplinar aproxima os pares em um diálogo com os diversos campos para constituir, epistemologicamente, tal possibilidade.

O uso de métodos mistos de pesquisa, qualitativos e quantitativos, pode proporcionar as pesquisas em educação um corpus mais organizado do conhecimento, com a contribuição de ambas as naturezas, o que gera respostas mais abrangentes aos problemas de pesquisa formulados oriundo de diversas perspectivas (DAL-FARRA; LOPES, 2013, p. 71-79).

Este processo exige um entendimento mais apurado por parte dos pesquisadores, sobre as possibilidades de interação e as informações disponíveis, necessitando de um entendimento claro sobre os limites e possibilidades das escolhas metodológicas no momento de aplicar os métodos escolhidos e analisar os dados coletados (DAL-FARRA; LOPES, 2013, p. 71-79).

Sendo assim, a interdisciplinaridade e a preparação dos grupos de pesquisa, não só do pesquisador individual, deve ser considerada como condição necessária para uma abordagem de métodos mistos de pesquisa em educação, “a medida que cada tradição metodológica se torna mais sofisticada, a tarefa de dominar múltiplos métodos também se constitui mais

desafiadora” (POTEETE; JANSSEN; OSTROM, 2011, p. 33) por fomentar a pesquisa colaborativa que expande seu potencial, dependendo do domínio dos métodos necessários para sua aplicação de forma competente.

A utilização dos métodos mistos possibilita ao pesquisador lidar com os problemas de validade da pesquisa de forma mais ampla, a validade interna³ e externa⁴ de uma pesquisa é fator referencial de sua aceitação por parte da comunidade científica, exigindo rigor e criteriosidade, mas não são estes os únicos critérios.

A relevância científica e social também se destaca nas avaliações das agências de fomento, como a Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que tais pesquisas estejam inseridas em um quadro teórico de construção do conhecimento engajados a prática social, onde aliar métodos qualitativos e quantitativos, em pesquisas colaborativas, podem nos oferecer um salto complexo, mas interessante, dentro destes quesitos.

CONCLUSÃO

O campo da pesquisa em educação no Brasil está historicamente delineado por vários acontecimentos políticos, a criação de instituições e políticas que contribuem para sua fundação e as características epistemológicas da ciência nos múltiplos paradigmas. Os métodos, longe de serem neutros, se apresentam como escolhas epistemológicas e políticas em todo quadro analisado.

A pesquisa em educação tem percorrido um longo caminho na direção de métodos e técnicas que possibilitem aos pesquisadores uma multidimensionalidade de abordagens de pesquisa, com isto, a aproximação entre pesquisador e objeto/sujeito de pesquisa, utilizando métodos mistos, formulam um paradigma contemporâneo do campo da pesquisa educacional.

Faz-se necessário superar a dicotomia quanto à natureza da pesquisa, se qualitativa ou quantitativa, entendendo suas possibilidades e limitações, considerando o contexto micro e/ou macro no qual a investigação se insere, para que possamos refletir sobre este leque de possibilidades nascidos das interações metodológicas.

³ A validade interna é garantida quando o delineamento escolhido permite se ter certeza de que as relações observadas empiricamente realmente causam os fatores observados podendo, inclusive, responder a hipóteses.

⁴ Dizemos que uma pesquisa possui validade externa quando ela permite ao pesquisador generalizar os resultados obtidos à outras populações, outros contextos.

A urgência destas novas abordagens metodológicas e conseqüentemente, novas possibilidades de natureza de pesquisa, aliadas a novas tecnologias e a difusão da ciência propiciam um espaço interessante para a interlocução necessária aos métodos mistos de pesquisa no campo da educação.

Este pode contribuir para percebermos os limites e as possibilidades de programas e projetos educacionais, de políticas públicas para a educação, de problemas e carências educacionais ou mesmo de *cases* inovadores em educação visando sua difusão por meio da pesquisa científica.

O enfoque participativo nos ajuda a desvelar os processos que compõem as questões de pesquisa, os dados centralizados podem constituir um importante instrumento de generalização para reconhecermos possibilidades de pesquisa, quando concatenamos ambos os enfoques temos a possibilidade de nos aproximarmos uma realidade mais verossímil, ao qual os pesquisadores do campo da educação têm o potencial de explorar.

É necessária, contudo, maior preparação e rigorosidade dos pesquisadores e dos grupos de pesquisa envolvidos na ação. Os programas de graduação e pós-graduação têm muito a contribuir com essa preparação, na formação do pesquisador e da sistemática de pesquisa, com a possibilidade de repensar as formas como se dão esse processo, tendo por objetivo empreender pelo campo da colaboração e da ação interdisciplinar, visando formar-se em novas e instigantes categorias da ação metodológica.

Aos interessados no tema, recomendamos a cautela e a experimentação parcimoniosa dos métodos mistos que possam contribuir para a aquisição de seus objetivos de pesquisa, tendo em mente que se apropriar de múltiplos métodos, como pesquisador, é uma tarefa árdua. No entanto, e com especial valor para grupos coesos e com objetivos comuns de pesquisa, os métodos mistos podem colaborar na multiplicidade de conhecimentos e experiências metodológicas para fortalecer a pesquisa em educação no Brasil, a partir das interações dialógicas e propositivas, onde se medeiam os objetivos e as finalidades para a obtenção do reconhecimento de que não se faz da noite para o dia, mas é fruto de preparação, colaboração e perseverança entre pessoas que desejam utilizar seus conhecimentos para revolucionar a estrutura da ciência que se diz normal.

REFERENCIAS

ANDRÉ, Marli. **Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em educação.** Revista Eletrônica de Educação, São Paulo, v. 1, n. 1, set. 2007. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

CAMPOS, Maria Malta. **Pesquisa em educação**: algumas questões para debate. *Educação & Linguagem*, v.9, n.14, jul./dez. 2006.

CAMPOS, Maria Malta; FÁVERO, Osmar. **A pesquisa em educação no Brasil**. *Cadernos de Pesquisa*, n. 88, v. 1, jan./abr. 1994. Disponível em:

<<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/911>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. **Métodos mistos de pesquisa em educação**: pressupostos teóricos. *Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente*, v. 24, n. 3, set./dez. 2013. Disponível em:

<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2698/2362>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S. A., 1977.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORIANI, Dimas. **Marcos Conceituais do Desenvolvimento da Interdisciplinaridade**.

In: PHILIPPI, Arlindo Jr.; TUCCI, Carlos E. Morelli; HOGAN, Daniel Joseph;

NAVEGANTES, Raul. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção metodológica da pesquisa em educação**:

desafios. *RBPAAE* v. 28, n. 1, jan/abr. 2012. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/36066>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

GATTI, Bernardete Angelina. **Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo**. *Cadernos de pesquisa*, n. 113, v. 2, jul. 2001. Disponível em:

<<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/600>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, André Michel dos; GRAEFF, Betina; KERN, Francisco Arseli; DENTZ, Marta von. **Análise de Pesquisas em Educação**: um enfoque nas políticas educacionais

contemporâneas. *Trajectoria Multicursos*, v. 7, n. 1, jun./ago. 2016. Disponível em:

<<http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/trajectoria/article/view/93>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

KUHN, Thomas S.. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1998.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. **O estudo de caso como estratégia de**

investigação em educação. *EDUSER: revista de educação*, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em:

<<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20com%20o%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 33ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

PEREIRA, Guilherme; ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho. **Pesquisa quantitativa em**

educação: algumas considerações. *Revista Periferia*, v. 8, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em:

<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/27341>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

POTEETE, Amy R.; OSTROM, Elinor; JASSEN, Marco A.. **Trabalho em parceria: Ação coletiva, bens comuns e múltiplos métodos**. São Paulo: Editora SENAC, 2011.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática x revisão narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, n. 20, v. 2, abr./jun. 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001>. Acesso em: 12 abr. 2017.

SANTOS, Leonardo Bis dos. **O conflito social como ferramenta teórica para interpretação histórica e sociológica**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 9, n. 2, maio-ago. 2014. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n2/a15v9n2.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.